



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

MÚSICA: MAIS DO QUE UMA ALEGORIA NO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DE COMUNIDADES

Music: more than an allegory in the community revitalization process

Daniela Weingärtner¹

Resumo:

Revitalizar comunidades é redescobrir o propósito da igreja e a música tem potencial para mover as pessoas, anunciar o evangelho e ser mais do que uma alegoria neste processo. Neste sentido este artigo visa contribuir para a reflexão e chamar a atenção para a urgência de pensarmos nos potenciais da música comunitária que é louvor, é performance, é educação, é missão e é comunidade.

Palavras-chave:

Revitalização de Comunidades, Canto Comunitário, Louvor, Educação Musical, Missão.

Summary:

Revitalizing communities is about rediscovering the purpose of the church and music has the potential to move people, spread the gospel and be more than an allegory in this process. In this sense, this article aims to contribute to the reflection and draw attention to the urgency of thinking about the potential of community music that is praise, performance, education, mission and community.

Key words:

Community Revitalization, Community Singing, Praise, Music Education, Mission.

Introdução

A revitalização de comunidades é um processo constante e se relaciona com questões teológicas, sociais e comunitárias. A música, nesse contexto, é ação concreta de revitalização, porém nem sempre é planejada e compreendida como ferramenta de múltiplos potenciais. Planejar a música e os papéis que ela pode desempenhar na comunidade é fundamental para a construção de uma comunidade viva, atuante e missional.

A discussão sobre a revitalização musical de uma comunidade fica, muitas vezes, restrita a gêneros musicais ou a inclusão ou não da bateria nos cultos dominicais. Anos atrás, a discussão girava em torno do violão e da substituição do órgão por formações musicais contemporâneas. Porém, o potencial comunitário da música depende muito mais de uma conscientização e de um cuidado teológico, social e educacional do que do gênero musical utilizado.

¹ Licenciada em música pela Universidade Regional de Blumenau (FURB - 2015), pós-graduada em revitalização de comunidades pela Fundação Luterana de Teologia (FLT 2021) e mestre em música pelo Programa de Pós-graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGMUS UDESC - 2018). Atua em contexto comunitário como educadora musical, maestrina, pesquisadora e compositora.

Palermo² nos lembra que “[os reformadores] deixaram-nos um legado que vai além do musical. Deixaram, acima de tudo, princípios que (re)conduzem a vida piedosa e o entendimento do papel da adoração cristã.” (2018, p.33) A música, na igreja reformada, tem como propósito o louvor e a adoração. Apesar do legado histórico indiscutível da música feita no início da Igreja Luterana, o repertório em si não é a herança musical mais preciosa. A grande questão (e que deveria ser lembrada com mais frequência) está na compreensão do propósito da música no culto cristão, de seu potencial educativo e evangelizador e na clareza de seus objetivos (religiosos, comunitários e sociais).

Para pensar em revitalização musical, precisamos refletir sobre: Qual o objetivo da música nos cultos? Para quem é a música dos cultos? Quais são os espaços que a música pode ocupar na vida comunitária? Quais os potenciais educacionais, sociais e missionais da música?

Cântico de Miriã

A profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças. E Miriã lhes respondia:
Cantai ao Senhor porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro. (EXÔDO 15.20-21).

O trecho acima é uma passagem bíblica que, como refrão do canto de Moisés (EXÔDO 15, 1c-18), faz parte do primeiro canto da Bíblia de judeus e cristãos. Pouco antes, Moisés e os filhos de Israel cantam e, a partir do canto deles, Miriã e as mulheres cantam, tocam e dançam. O contexto desse canto é, justamente, o momento da libertação do povo judeu do Egito e traz importantes trechos para a reflexão. Miriã é citada e chamada de profetiza, sendo assim colocada ao lado de Moisés e Arão, seus irmãos. Além disso, Miriã incentiva todas as mulheres a entrarem na dança.

Junto com Miriam, *todas as mulheres*, participantes da experiência do êxodo, entram em cena. Lideradas por ela, as demais realizam a primeira batucada na Bíblia, tocando seus tamborins. E, com o ritmo do batuque, as *mulheres* apresentam a primeira dança mencionada nas tradições bíblicas.³

O povo Judeu foi libertado e, em meio à multidão, uma mulher começa a tocar seu tamborim e a cantar. Não temos uma partitura ou registro de como era essa música, tecnicamente falando, porém, podemos imaginar algumas coisas a respeito dela. Trata-se de uma música do povo, que pode ser cantada e dançada com alegria (e força). É uma música que, provavelmente, faz sentido para esse povo, se relacionando com sua identidade cultural e tradição. Mais do que isso, podemos perceber que é uma música inclusiva, que envolve e convida a todas e todos.

A experiência vivenciada no contexto do Cântico de Miriam é uma definição de música em comunidade. É este o tipo de fazer musical que nos interessa, não pelo gênero ou forma, mas pelos múltiplos potenciais que traz. Em primeiro lugar, é uma clara manifestação e expressão de fé, gratidão e adoração. Além disso, é uma música que toca, comunica e move a todos para o louvor ao Senhor. Nesse sentido, o canto comunitário, nas igrejas cristãs contemporâneas, precisa ser repensado e redescobrir seu potencial e objetivo. Será que nosso canto ainda convida e move as pessoas?

² PALERMO, Silas. *A reforma protestante e a Música*. São Paulo: Fides Reformata. V. XXIII, n.1, p.19-33, 2018. p.33.

³ GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas. *O canto de Miriam (Ex 15,20-21)*. São Paulo: Revista de Cultura Teológica. V.? n.87. p.282-299, 2016. p.283.

Canto comunitário

A prática do canto comunitário traz, em seu significado, uma profundidade a ser explorada. A ideia de cantar em grupo perpassa a história da humanidade e é encontrada em diversas manifestações culturais mundo a fora⁴. A voz de um povo e seu canto possuem significados próprios e falam muito sobre a sua história, valores e princípios. E isso se refere ao repertório e a forma de se fazer e entender música.

Quando me refiro à música, penso nela como *musicar*⁵ e, portanto, na experiência de fazer música e nas relações ali estabelecidas. Independente da complexidade ou simplicidade da linguagem musical utilizada, assim como dos gêneros musicais, há sentidos subjacentes ao *musicar* que dizem respeito ao aspecto comunitário da música, ao que ela gera nas pessoas e em suas relações.

O canto comunitário está profundamente relacionado com os ritos da comunidade que se reúne em culto. “É difícil imaginar liturgia e culto sem o canto comunitário e, como complemento desejável, a música instrumental. Comunidade reunida em culto canta.”⁶ E este cantar, que é essencialmente coletivo, ganha, ainda, uma série de outros significados relacionados ao compartilhar dessa experiência, que é fruição, é comunidade, é *musicar* e, sem dúvidas, é louvor.

Na Bíblia, encontramos a seguinte passagem:

“Bom é render graças ao SENHOR e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo, anunciar de manhã a tua misericórdia e, durante as noites, a tua fidelidade, com instrumentos de dez cordas, com saltério e com a solenidade da harpa. Pois me alegraste, SENHOR, com os teus feitos; exultarei nas obras das tuas mãos” (SALMO 92. 1-4).

Neste trecho, assim como em diversos outros trechos da Bíblia, percebemos que o canto, para a Igreja, significa louvar e agradecer, mas também é ferramenta de propagação da mensagem. Anuncia-se a mensagem através da música. Aprende-se também através dela.

Lutero defendeu, em seus escritos e ações durante a reforma, a noção de que a palavra de Deus deveria estar ao alcance de todos.⁷ Todos deveriam ser capazes de ler a Bíblia e compreender a mensagem e neste contexto a prática do canto comunitário foi fundamental. A ideia era utilizar a música como ferramenta unificadora da comunidade, mas também como veículo de propagação de ideais.

Embora a palavra, seja ela tida como uma leitura ou como pregação, seja de grande importância e norteadora da fé cristã, a propagação da mensagem é feita, muitas vezes a partir da música. É no momento do canto comunitário que a comunidade se une, a uma única voz. Não seria

⁴ O antropólogo musical Christopher Small (1989) fala que Grupos Aborígenes usam a música para ensinar o que se deve saber sobre a sua cultura. O canto para eles é identidade. Valores e princípios sociais são veiculados pela música. Em outro trecho o autor, ao descrever uma prática musical em Bali percebe que o aprendizado musical se dá na relação de pessoas de diferentes idades e níveis de aprendizado musical (p.52). A vida e a rotina ensinam sobre música. Nos dois exemplos citados por Small percebemos que a música é essencialmente comunitária e, nesse sentido, veicula uma série de outros aprendizados e valores sociais. (SMALL, Christopher. *Música, Sociedad, Educación*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.)

⁵ Christopher Small, pela importância que atribuiu à prática musical e ao momento em que as pessoas estão fazendo música, cunhou o conceito *musicar*, que não se refere apenas ao executante da música, mas todos envolvidos no fazer música. “*Musicar*” é participar de qualquer coisa em uma interpretação musical. Isso quer dizer que “*musicar*” não é só interpretar, mas também escutar, ou criar material para uma interpretação musical – o que chamamos de *compor* – preparar uma interpretação – que chamamos de *praticar* ou *ensaiar* – ou qualquer outra atividade relacionada com uma interpretação musical. (2002, p 15 -16) Assim, não apenas os músicos ou executantes fazem parte desse *musicar*, mas todos que se movem e são movidos pela prática musical e as relações e sentidos ali estabelecidas. (SMALL, Christopher. *El Musicar i el Multiculturalisme*. In: *ACTES DE LES IV JORNADES DE MÚSICA*. Institut de Ciències de l’Educació. Universitat de Barcelona. 2002. p. 13-31.)

⁶ MARTINI, Romeu R. *Livro de Culto*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p.560.

⁷ DREHER, Martin Norberto. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

essa, então, a voz da comunidade? Dietrich Bonhoeffer diz que “à oração do salmo e à leitura da Bíblia associa-se o canto conjunto, e nele ouve-se a voz da igreja que louva, agradece e ora.”⁸

Quando uma comunidade canta, se une no louvor a Deus, trazendo à tona a noção de pertencimento⁹. Através do canto comunitário, cada pessoa se torna parte ativa da comunidade. Criam-se, então, laços e relações. A música movimenta a comunidade, aproxima e integra as pessoas, e, assim sendo, torna-se parte vital para a sobrevivência e sustentabilidade deste grupo social. Olhar para música de uma comunidade luterana é, portanto, olhar para a própria comunidade e para as relações afetivas, espirituais e comunitárias, nem sempre claras, mas imbricadas no musicar. É por isso que, embora a Igreja Luterana esteja em constante reforma, 500 anos após a reforma, cantar hinos em conjunto, ainda é extremamente significativo.

Música e louvor

Estar em comunhão é dádiva de Deus. O teólogo Dietrich Bonhoeffer diz que “por isso, quem pode até este momento viver em comunhão com outros irmãos, que louve a graça de Deus do fundo do coração [...]”.¹⁰ Fazer música em comunidade, especialmente no momento do culto, é, portanto, um privilégio. A fé e a devoção coletivamente experimentadas no canto comunitário são exemplos de que o louvor vai muito além da fruição musical.

Para que as músicas de uma celebração proporcionem uma ação devota e sincera da comunidade é fundamental refletir sobre repertório e como a comunidade se envolve ou poderia se envolver nestas práticas. As músicas não são (ou não deveriam ser) apenas intervalos entre as falas do Ministro ou Ministra. Muito pelo contrário, a música está a serviço no culto e deve ser escolhida com cuidado e critério. Steuernagel discute os parâmetros necessários para a escolha de repertório para o canto comunitário, trazendo à tona critérios que são musicais, teológicos e sociais. Segundo o autor:

[...] se não houver uma intencionalidade crítica na escolha do repertório empregado para a expressão artística e cultural do povo de Deus no contexto do culto [...] haverá confusão e conflito entre o *modus vivendi* proposto pelas Escrituras e a proposta cultural e mercadológica na qual vivemos.¹¹

A escolha crítica de um repertório supõe um critério teológico-musical, porém vai além, uma vez que a comunidade que canta preenche de sentidos essas práticas, dando vida e novos significados (inclusive religiosos) às obras musicais executadas. A ideia de que a música pode ganhar novos sentidos no culto cristão, sem ignorar os sentidos construídos no processo de composição, se refere a ideia de que a música ganha vida quando executada, mas é também veículo de sentidos e de transmissão de uma mentalidade teológica/musical/social esperada.

⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. 7 ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p.46.

⁹ A noção de pertencimento forjada na prática musical coletiva, ajuda a reafirmar a noção de comunidade. Segundo Sawaia, Comunidade “refere-se à relação baseada no sentimento subjetivo do pertencer, estar implicado na existência do outro, como a família e grupos unidos pela camaradagem, vizinhança e fraternidade religiosa” (SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 40). Ainda nesse sentido, o antropólogo Maffesoli acredita que costumes são as práticas comuns que fazem um grupo de pessoas se reconhecer como tal: “Trata-se de um laço misterioso, que não é formalizado e verbalizado[...]”, mas que existe e é formado e reafirmado a partir das vivências compartilhadas. (MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.54)

¹⁰ BONHOEFFER, 1997, p.12.

¹¹ STEURNAGEL, Marcel Silva. *Cantando a verdade juntos: estabelecendo parâmetros na escolha de repertório para o canto comunitário*. São Leopoldo: Tear Online. V.4 n.1. p.89 – 101, 2015. p.92

O canto comunitário é a voz da comunidade que se reúne em louvor, súplica e gratidão à Deus. Por isso, quando se busca uma revitalização do Canto Comunitário, é importante ter clareza e assegurar que a comunidade também compreenda o porquê de cantar. O canto, especialmente nos hinos litúrgicos, acontece muitas vezes de forma automática. Alguns formatos de culto podem acabar reforçando essa perspectiva de repetição, sem reflexão ou devoção. Quando falamos de louvor não podemos conceber que ele seja feito no automático ou que um pedido de piedade seja feito sem a devida reflexão e contextualização.

“Em termos de comunicação, é muito fácil explicar o tédio da manhã de domingo, tão deplorado especialmente pelos confirmandos: a pessoa é praticamente obrigada a ficar imóvel, os ritos e as formas de linguagem são incompreensíveis, a música do órgão parece antiquada e o canto da comunidade é arrastado etc.”¹²

Ninguém gosta ou é tocado por aquilo que não entende. Para que a comunidade participe de forma sincera, ativa e devota é fundamental que o culto, a liturgia e as músicas façam sentido para as pessoas que ali estão. Porém, uma questão importante e complexa dessa relação é que as comunidades são diversas e, portanto, não é tarefa fácil se conectar com tantas questões plurais. Além disso, a carência de conhecimento bíblico-teológico de boa parte da comunidade acaba atrapalhando a compreensão dos ritos e cantos. Nesse sentido, é fundamental garantir uma comunicação clara do evangelho também através da música e, para que o canto da comunidade deixe de ser “arrastado” e o órgão considerado “antiquado” é fundamental pensar e investir em Educação Musical.

Educação musical

Lutero acreditava na importância da Educação Musical de crianças, jovens, pastores e professores. Para ele a música era uma esplêndida dádiva de Deus com múltiplos potenciais e benefícios. No prefácio à obra *“Symphoniae iucundae”* de Jorge Rhau (1538), Lutero escreveu: “Se queres confortar os tristes, aterrorizar os felizes, encorajar os desesperados, tornar humilde os orgulhosos, acalmar os inquietos ou tranquilizar os que estão tomados por ódio (...) que meio mais efetivo do que a música poderias encontrar?”¹³. A música move as pessoas e Lutero sabia disso e desde a origem de nossa igreja incentivava a prática musical.

“Lutero escreveu também que as notas musicais são uma ferramenta didática que enchem as palavras de vida [...] Da mesma forma, buscou incentivar o uso de recursos musicais mais modernos e dinâmicos para comunicar, educar e unir as pessoas através da música.”¹⁴

No culto temos o momento mais importante da prática musical. Isso porque é uma celebração, onde a comunidade se reúne para em conjunto orar, louvar e ouvir sobre a palavra de Deus. E é, também, a celebração do ser comunidade, um encontro dos grupos e um momento de renovar as relações que são de comunhão e colaboração. E a música que é feita nesse contexto, por ser louvor coletivo e propagação da mensagem, é também exercício de sacerdócio geral, afinal somos todos chamados.

Se a música do culto é parte do exercício do sacerdócio geral de todos os crentes, então a música da igreja não é primeiramente algo para se escutar, mas algo no qual o fiel participa. [...] Afirmar que a música da igreja é participatória é afirmar que não vamos à liturgia para

¹² MÜLLER, Konrad; GRETHLEIN, Christian. Em busca de novas formas. In: Hans-Christoph Schmidt-Lauber; Michael Meyer-Blanck Karl-Heinrich Bieritz (Eds.) *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol. 4: Práticas especiais do Culto Cristão. São Leopoldo: Sinodal, p. 327-354, 2016, p. 333- 334

¹³ SCHALK, Carl. F. *Lutero e a Música: paradigmas de louvor*. Tradução, Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal. 2006. p.8

¹⁴ EWALD, Werner (Org.). *Música Luterana – 500 anos*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017, p.16.

ser espectadores, mas participantes engajados, e engajados – em certa extensão, pelo menos – no canto comunitário”¹⁵

Engajar-se no canto comunitário envolve participar, da melhor forma possível, no louvor que é, também, performance. Assim sendo, ao compreender o caráter participativo intrínseco à música comunitária, fica evidente a urgência de se pensar em educação musical.

A música é mais do que uma alegoria no processo de revitalização de comunidades e, para que ela possa ser feita de forma eficiente, é necessário investir em formação. A partir do momento que se compreende que a música da Igreja é louvor, se espera que ela seja feita da melhor forma possível e isso se refere a educação musical, ou seja, capacitação dos músicos e incentivo para que novas pessoas aprendam música na Igreja. É importante, porém, perceber que a música comunitária é feita por todos e, assim sendo, precisamos criar estratégias para possibilitar que toda a comunidade se desenvolva e aprenda sobre música da e na Igreja.

O próprio louvor pode ser um momento de aprendizados musicais, afinal se aprende música na prática. Mas pensar em educação musical aqui deve ir além de proporcionar espaços de performance. É preciso que a Igreja seja um espaço onde as pessoas com dom musical possam se desenvolver com foco, intensão e propósito, e atuar dentro das comunidades, com todas as suas especificidades.¹⁶

Os saberes necessários implícitos no trabalho musical comunitário vão além da teoria musical. Questões sobre arranjo, domínio técnico de instrumentos, história da música, repertório, noções de liturgia, fundamentos teológicos, práticas coletivas, coaprendizagem musical, conceito de comunidade e tantas outras coisas fazem parte disso. Essa rede de saberes é vivenciada e aprendida no dia-a-dia, nos momentos de louvor e troca¹⁷. Por isso é preciso estar atento à música que se faz em comunidade e fazer com propósito e objetivo.

Um projeto que tem trazido frutos na região de Blumenau é a inclusão de aulas de música no Ensino Confirmatório de algumas comunidades. Refletir sobre as práticas musicais da comunidade e ter a possibilidade de tocar em cultos, auxiliando no louvor comunitário, são vivências que ensinam esses jovens sobre louvor e vida comunitária. Eles passam a compreender os ritos, as tradições e a forma de celebrar da comunidade. Além disso, a fruição musical e o desenvolvimento artístico ajudam na formação integral das pessoas, reafirmando o compromisso social e cultural da Igreja.

¹⁵ SCHALK, 2006, p.72

¹⁶ Nesse sentido é fundamental compreender que “[...] o papel da liderança não é fazer a obra do ministério, o que normalmente muitos esperam dos pastores, mas preparar o povo de Deus para que todos façam a obra do ministério, com base na vocação do Senhor, no sacerdócio universal de cada cristão e na singularidade de seus dons e talentos (cf. Ef 4.11-13)” (STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. *Igrejas que transformam o Brasil: Sinais de um movimento revolucionário e inspirador*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. p.92)

¹⁷ Em uma etnografia sobre a comunidade luterana da cidade de Blumenau, percebeu-se a multiplicidade de aspectos relacionados ao musicar comunitário e o quanto essa rede de saberes forja a noção de comunidade. “A música, em especial quando feita no culto, é performance, é religião, é pretexto para o encontro, é pertencimento, é empoderamento, é aprendizado musical, é fruição, é construção de uma perspectiva estética, é compartilhar, é lazer, é trabalho, é compromisso, é uma válvula de escape e tantas outras coisas. Olhar para essas diferentes perspectivas é, também, compreender a multiplicidade do ser humano e a importância de se olhar para música em seu contexto social, buscando interpretar os diversos sentidos e papéis que ela ocupa na vida de um indivíduo ou comunidade.” (WEINGÄRTNER, Daniela. *OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS MUSICAIS NA COMUNIDADE DA VELHA CENTRAL, EM BLUMENAU – SC*. Dissertação (Mestrado em Música – Educação Musical). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2018. P. 120)

Pensar em educação musical é garantir que o louvor continue a ser feito de forma criativa. Queremos que a música toque e mova as pessoas, possibilitando o engajamento, a participação e a propagação da mensagem. E queremos que a música seja feita da melhor forma possível, com dedicação e devoção, afinal estamos falando de uma música que é louvor e adoração.

Missão

A igreja tem como propósito a comunhão e a missão, comunicando o evangelho de forma intencional e criativa. E tudo isso parte da fé, da compreensão de que a missão é ação de Deus e de que é isto que motiva nossa comunicação. Porém, no contexto histórico, político e cultural atual, é necessário que essa comunicação seja dialogada, respeitando a diversidade, sem abrir mão do que é central. Nesse sentido, “O propósito do movimento da igreja missional é readquirir a capacidade de dialogar com a cultura atual e testemunhar o Evangelho de forma encarnada e contextual.”¹⁸ E este é o grande desafio.

Como construir pontes e propagar a mensagem em um mundo com mentalidade pós-moderna? Como superar a visão crítica sobre a Igreja e a Fé cristã num mundo onde tanto mal já foi feito em nome de uma suposta fé? Como tornar nossas Igrejas locais de missão e propagação da mensagem respeitando as diversidades? Como comunicar o evangelho de forma eficiente?

Muitas são as ações necessárias para a comunicação eficiente do evangelho. “Igualmente será preciso humildade para (re)aprender o processo da missão na pós-modernidade: entrar em contato, cativar, acolher, conviver, testemunhar, abraçar, entender, testemunhar, convencer...”¹⁹ E, neste contexto, a música pode ser muito mais do que uma alegoria.

O professor doutor Paulo Afonso Butzke diz que uma Igreja missional “tem a missão como sua essência, sua natureza, seu DNA.”²⁰ A música feita na Igreja e partir dela pode também ter a missão em seu DNA, propagando a mensagem, tocando e movendo as pessoas. Mas isso envolve planejamento e ações concretas da comunidade. A música precisa ser colocada a serviço, com clareza de seus objetivos.

Entre os múltiplos potenciais da música comunitária está a possibilidade de promover o desenvolvimento da espiritualidade²¹ a partir de vivências de fé coletivas e individuais, ajudando a orar e a expressar louvores e clamores. A partir do entusiasmo, da devoção e da paixão nos momentos de louvor coletivo, a música pode ajudar no que Christian Schwarz chama de Espiritualidade Contagante. “Por mais ortodoxa que seja a doutrina de uma igreja, e por melhor que seja o seu conhecimento bíblico, ela dificilmente pode esperar crescimento se não aprender a viver e a transmitir a outros a sua fé com entusiasmo contagiante.”²² E, nesse contexto, o musicar pode ser ferramenta de crescimento da Igreja, para que, a partir da ação do Espírito Santo, anuncie o Evangelho e mova pessoas para o testemunho e serviço.

Em um culto as pessoas escutam e vivenciam a palavra de Deus de muitas formas. Talvez, alguns dias depois, nem todos se lembrem bem da pregação, por exemplo. Porém existe uma

¹⁸ BUTZKE, Paulo Afonso. *A Igreja Missional e o Desafio da Posmodernidade*. São Bento do Sul: Revista Orientação Teologia a serviço da vida. n.7 p. 42 -44, 2017a. p.42.

¹⁹ BUTZKE, 2017a, p.44.

²⁰ BUTZKE, Paulo Afonso. *De onde vem essa conversa de “Igreja Missional”?* São Bento do Sul: Revista Orientação Teologia a serviço da vida. n.7 p. 7 - 10, 2017b. p.7.

²¹ “Espiritualidade é a expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito Santo. Ela inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida do cristão. Trata-se, portanto, da vivência da fé sob as condições da vida cotidiana, abrangendo as dimensões individual, familiar, comunitária e social.” (BUTZKE, Paulo Afonso. *Espiritualidade*. In: Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo: Aste, 2008. p.387)

²² SCHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da Igreja: guia prático para as oito marcas de qualidade essenciais das Igrejas Saudáveis*. Curitiba: Editora Esperança, 2010. p.29.

grande chance de que algum dos hinos cantados fiquem na mente. E é por isso que os hinos precisam comunicar, fazer sentido para a comunidade. E é no âmbito da comunidade que a missão começa a acontecer, “Pois quando uma igreja aprende a confessar sua fé no seu contexto local ela naturalmente se tornará relevante.”²³

Revitalizar uma comunidade é redescobrir seu propósito, reavivar os pontos centrais da fé e, a partir disso, vivenciar uma fé viva, ativa e sustentável. Uma igreja que é missional precisa estar preocupada com sua revitalização ou então não será capaz de propagar o evangelho de forma clara, contextual e criativa. Para a missão e, conseqüentemente, para a revitalização, a música precisa ser mais do que uma alegoria.

Considerações finais

Retomo as perguntas iniciais: Qual o objetivo da música nos cultos? Para quem é a música dos cultos? Quais são os espaços que a música pode ocupar na vida comunitária? Quais os potenciais educacionais, sociais e missionais da música? Sem ter a pretensão de responder a essas questões, esse artigo visa chamar atenção para a urgência de se discutir esses parâmetros musicais e seu papel na construção da nossa Igreja que é igreja viva, quer ser missional e está sempre em reforma.

A música feita na Igreja é feita para louvar a Deus e quer ser a voz de toda a comunidade. É fundamental, portanto, que a comunidade se sinta motivada a cantar e seja capaz de participar do louvor que ali acontece. Sendo ela ação social e educacional, a música é capaz de mover pessoas, criar relações de pertencimento e propagar a mensagem. Como diz o pastor Nestor Paulo Friedrich na apresentação do Livro de Canto, “Somos igreja que canta. Cantamos esperança, lamentação, dor, intercessão, alegria, gratidão, louvor. Cantamos a graça de Deus que nos abraça e carrega.”²⁴

Vivemos em comunidade e, como diz Baumann, a palavra “comunidade”, o que quer que ela signifique, traz consigo uma sensação boa²⁵. A perspectiva de Bauman é um pouco romantizada, mas nos lembra do privilégio que é viver em comunidade e fazer música em conjunto. Em tempos de pandemia pudemos nos lembrar da importância que compartilhar momentos de louvor tem para a nossa vivência de fé. Mas precisamos lembrar que nosso fazer musical é muito maior do que isso. A música, em especial quando feita em comunidade, é louvor, é performance, é educação, é missão e é ser comunidade. Isso porque a música ajuda na construção de uma comunidade viva, revitalizada, missional e em constante transformação.

Que possamos, como musicistas e como comunidade, aprender e viver a nossa vida comunitária e a expressar nossa fé com muita alegria e convicção. Que tenhamos a coragem de cantar e dançar em meio às multidões e que nosso canto seja inclusivo. Que todos possam fazer música em nossas igrejas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. 7 ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

²³ BUTZKE, 2017b, p.10

²⁴ STEUERNAGEL, Marcell Silva; EBERLE, Soraya Heinrich, EWALD, Werner [et al.]. *Livro de Canto da IECLB*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

²⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.7.

BUTZKE, Paulo Afonso. *A Igreja Missional e o Desafio da Posmodernidade*. São Bento do Sul: Revista Orientação Teologia a serviço da vida. n.7 p. 42 -44, 2017a.

BUTZKE, Paulo Afonso. *De onde vem essa conversa de “Igreja Missional”?* São Bento do Sul: Revista Orientação Teologia a serviço da vida. n.7 p. 7 - 10, 2017b.

BUTZKE, Paulo Afonso. *Espiritualidade*. In: Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo: Aste, 2008.

DREHER, Martin Norberto. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

EWALD, Werner (Org.). *Música Luterana – 500 anos*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas. *O canto de Miriam (Ex 15,20-21)*. São Paulo: Revista de Cultura Teológica. V.? n.87. p.282-299, 2016

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARTINI, Romeu R. *Livro de Culto*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

MÜLLER, Konrad; GRETHLEIN, Christian. Em busca de novas formas. In: Hans-Christoph Schmidt-Lauber; Michael Meyer-Blanck Karl-Heinrich Bieritz (Eds.) *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol. 4: Práticas especiais do Culto Cristão. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 327-354

PALERMO, Silas. *A reforma protestante e a Música*. São Paulo: Fides Reformata. V. XXIII, n.1, p.19 – 33, 2018.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p.35-53.

SCHALK, Carl. F. *Lutero e a Música: paradigmas de louvor*. Tradução, Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal. 2006

SCHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da Igreja: guia prático para as oito marcas de qualidade essenciais das Igrejas Saudáveis*. Curitiba: Editora Esperança, 2010.

SMALL, Christopher. El Muscar i el Multiculturalisme. In: *ACTES DE LES IV JORNADES DE MÚSICA*. Institut de Ciències de l'Educació. Universitat de Barcelona. 2002. p. 13-31.

SMALL, Christopher. *Música, Sociedad, Educación*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. *Igrejas que transformam o Brasil: Sinais de um movimento revolucionário e inspirador*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

STEUERNAGEL, Marcell Silva; EBERLE, Soraya Heinrich, EWALD, Werner [et al.]. *Livro de Canto da IECLB*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

STEUERNAGEL, Marcel Silva. *Cantando a verdade juntos: estabelecendo parâmetros na escolha de repertório para o canto comunitário*. São Leopoldo: Tear Online. V.4 n.1. p.89 – 101, 2015.

WEINGÄRTNER, Daniela. *OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS MUSICAIS NA COMUNIDADE DA VELHA CENTRAL, EM BLUMENAU – SC*. Dissertação (Mestrado em Música – Educação Musical). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2018.